

SENES SAPIENTES, SENHORES FUNDIÁRIOS, INTENDENTES E TRABALHADORES NOS CAMPOS ROMANOS*

SENES SAPIENTES, SEIGNEURS TERRIENS, INTENDANTS ET LABOUREURS DANS LES CHAMPS ROMAINS

Matheus Trevizam**
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Neste artigo, discutimos o tema dos atuantes na vida rural antiga tal qual descrita no *Cato Maior*, de Cícero, e no primeiro livro do *De re rustica*, de Varrão. Personagens como aquelas dos escravos, do senhor, do *uillicus*, dos trabalhadores livres (em suas terras ou nas terras alheias) e do velho “agricultor”, conforme lemos no pequeno diálogo de Cícero, não participam igualmente quando consideramos as duas obras em conjunto. Cícero preferiu idealizar, concentrando suas descrições no idoso sábio nos campos (cujo modelo é Catão, o Velho), enquanto Varrão escolheu a via da documentação histórica, como convém a um texto que se identifica com o grupo dos escritos técnicos em Roma antiga.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura agrária romana, *Cato Maior*, *De re rustica*

INTRODUÇÃO E BREVE PANO DE FUNDO HISTÓRICO

A proposição de pesquisas sobre o vasto tema da ruralidade em Roma jamais poderia ignorar o tópico dos atuantes na vida agrária latina, sejam quais forem as obras analisadas: assim como, quando consideramos a literatura *épica* antiga, os campos de batalha pressupõem a presença e atuação de soldados e comandantes,¹ os antigos escritos romanos sobre a terra

** matheustrevizam2000@yahoo.com.br

* Este artigo se insere como produção vinculada ao projeto de estágio pós-doutoral na Universidade de Paris IV/ La Sorbonne, como bolsista da Capes e sob supervisão do professor Carlos Lévy, a quem agradecemos pela solícita leitura e sugestões (título do projeto: “Imagens da ruralidade em fins da república romana – o *De re rustica*, de Varrão reatino, e o *Cato Maior*, de Cícero”).

¹ “Rappelons le système théorique de la ‘rota Vergilii’, développé à partir du commentaire de Donat, aujourd’hui perdu: la rhétorique médiévale distingue trois sortes de style, auxquelles correspondent trois mondes et encyclopédies de référence: des arbres, des animaux, des métiers différents. Au fondement se trouve Virgile, et les ‘Bucoliques’, les ‘Géorgiques’, l’*Énéide*. Le ‘stilus humilis’ traite des

invariavelmente tomam, para fundamentais componentes do “cenário” em foco, figuras como a dos *agricolae*, *villici* e *serui*, de forma de todo necessária para que se definam. De fato, dada a natureza da cultura como intervenção instauradora do “real”, apenas na medida em que ocorre a ação dos homens sobre indefinidos ambientes deixam esses a potencialidade plena para concretizar-se, específicos, nos fins e direções que lhes atribuímos.

As obras aqui tomadas para objeto de estudo sob esse viés, o *De re rustica*, de Varrão, e o *Cato Maior*, de Cícero, oferecem-nos rico campo de investigações, pois, além de coincidirem (em parte) tematicamente, como representantes textuais comprometidos com a ruralidade antiga, afastam-se umas das outras em pontos fulcrais para compreendermos as mais importantes linhas de força significativas postas em jogo pelos autores, em um e outro caso. Conforme adiante intentaremos demonstrar com os comentários, o “pormenor” dos atuantes rurais antigos, longe de apenas identificar-se com mais um subtópico interno aos “assuntos”, corresponde a uma possível via de acesso às questões-chave do *Cato Maior* e do *De re rustica*, de maneira, até, exemplarmente indicadora de seus prováveis fins compositivos.

Historicamente, importa mencionar, nas épocas *retratadas*² por esses textos, a vigência de relações humanas peculiares ao ambiente rural latino: assim, o *Cato Maior*, que põe em cena o penúltimo ano de vida dessa personagem, na primeira metade do século 2 a.C., insere-se fictício em tempos de consolidação de mudanças na sociedade campesina de Roma. Entre as consequências socioeconômicas das vitórias de Roma nas Guerras Púnicas, poderíamos enumerar o decisivo incremento do escravismo, como resultado dos butins humanos no Mediterrâneo, a conquista, pelos latinos, dos mercados consumidores da inimiga debelada, o forte direcionamento dos campos itálicos para o plantio das vinhas e oliveiras, o relativo “abandono”, em várias áreas da península, do plantio de cereais e do modo de exploração familiar, em pequenos lotes de subsistência...³

Doravante enriquecidos pelas guerras, mas também temerosos da ascensão dos “cavaleiros” (*equites*), os membros da camada politicamente dominante de Roma (ordem senatorial) esforçaram-se por enraizar o próprio poderio econômico na efetiva monopolização e exploração agrícola das melhores terras, mesmo as pertencentes ao *ager publicus*.⁴ Nessas terras, que aos poucos concentraram em suas mãos em detrimento da plebe, tais senhores implementaram, sobretudo, a viticultura e a oleicultura, com fins comerciais de exportação: o novo acesso aos “celeiros” do norte da África, da Sicília e, mais tarde, do Egito, resultou na vertiginosa queda de preço dos grãos produzidos na própria Itália, o que, sem dúvida, excluiu os cereais dos horizontes do economicamente rendoso.⁵

pâtres, l'arbre qui lui convient est l'hêtre; le 'stilus mediocris' parle des paysans, et ses arbres sont fruitiers; le 'stilus grauis' comporte des guerriers, ses arbres sont le laurier et le cèdre” (FILOCHE. Les comiques dans l'intertexte des “Bucoliques”, p. 59-60).

² Vale lembrar que, diversamente do que ocorre em *De re rustica*, Cícero, em *Cato Maior*, focaliza eventos cronologicamente anteriores ao século 1 a.C., em que escreve, pois o ano “retratado” na obra é o de 150 a.C.

³ SIRAGO. *Storia agraria romana*. I - Fase ascensionale, p. 266.

⁴ ROBERT. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*, p. 97.

⁵ SIRAGO. *Storia agraria romana*. I - Fase ascensionale, p. 246.

No que diz respeito aos interesses agrários da ordem senatorial, tratou-se, por um lado, de em alguma medida resistir, pela tradicionalíssima via da riqueza fundiária, aos avanços dos cavaleiros; por outro, de dominar, não sem violências e ilegalidade, um “nicho” socioeconômico antes partilhado com os plebeus. Referimo-nos, com esses dizeres, ao papel de produzir do solo itálico, de um modo identificado com nada menos que deter as rédeas da mais importante engrenagem das economias antigas.⁶ Quanto aos efeitos da mesma política para os camponeses de mais modesta condição, muitas vezes chefes de família que ancestralmente plantavam em pequenos lotes com seus filhos e poucos escravos, ocasionou-se a ruína do que já foram os pilares da velha sociedade romana, pois, incapazes de competir em igualdade financeira com a ordem senatorial, não puderam cobrir os custos elevados (aquisição e manutenção de cativos, ferramentas agrárias e implementos, sobretudo) das monoculturas de exportação a que aludimos e, portanto, viram-se muitas vezes forçados a engrossar em êxodo a massa urbana marginalizada.⁷

Então, “abandonados” por seus antigos donos e sem encontrarem outros homens livres que lhes ocupassem o espaço de modo similar – pois, pelo novo modelo produtivo, os *patres familias* não mais residiam e se empenhavam em pessoa nos trabalhos rústicos, delegando essas tarefas a um intendente especializado, o *uillicus*⁸ –, coube aos campos da Itália povoarem-se de escravos das mais diferentes origens.⁹ A situação focalizada no livro I do *De re rustica*, o único do conjunto dos diálogos agrários varronianos de que nos ocuparemos, dado que a complexidade da questão dos atuantes rurais no *todo* da obra ultrapassa os limites deste artigo, é, em certo sentido, a mesma: assistimos, ali, ao privilégio técnico da viticultura, confiada, apesar dos eventuais cuidados do senhor de terras, com frequência a cativos e, de fato, ao *uillicus*.

Alguns estudiosos, porém, são céticos quanto à estabilidade do vigor produtivo itálico na época de Varrão: em que pese às palavras elogiosas e ao “otimismo” das *Laudes Italiae* de inícios de *De re rustica* I, antológico trecho no qual se louvam em *qualidade* e *quantidade* vários itens peninsulares (o vinho de Falerno, o azeite de *Venafrum*, a espelta campaniana...), as reprimendas do autor na *praelocutio* de *De re rustica* II, atinentes a um suposto *abandono dos cultivos* pelos *patres familias*, recomendam, a seu ver, cautela com a circunstancial aceitação da contínua pujança agrícola do “país”.¹⁰

Tangencia-se, aqui, o tópico da composição cronologicamente clivada do *De re rustica*, conforme desenvolvida por René Martin em seu clássico estudo sobre os textos latinos de “agronomia”: incoerências internas de variado tipo, a exemplo da supracitada discrepância dos “retratos” agrícolas da Itália nos respectivos livros do início e do meio e da dedicação do *todo da obra*, na primeira *praelocutio*, a Fundânia, esposa de Varrão, mas dos livros II e III a Turrânio Níger ou ao cavaleiro romano de nome Pínio, bem como a

⁶ “De fait, pendant presque toute la romanité, il n’y eut guère d’économie qu’agricole” (ROBERT. *Rome*, p. 125).

⁷ KOLENDO. *Il contadino*, p. 225.

⁸ MARÓTI. *The vilicus and the villa-system in ancient Italy*, p. 109.

⁹ SIRAGO. *Storia agraria romana*. I - Fase ascensionale, p. 262.

¹⁰ BOSCHERINI. *Considerazioni sulla “laus Italiae” di Varrone*, p. 103.

maior sistematicidade expositiva do segundo, fizeram com que o erudito francês propusesse ter o conjunto recebido redações, parte a parte, mais ou menos distantes no tempo.¹¹ A hipótese importa, ao indagarmos o estado da agropecuária italiana nos tempos de Varrão, porque se poderia, caso aceita, entender o contraste entre o “otimismo” do livro I e o “pessimismo” do segundo com o sentido da justa constatação varroniana de que tempos melhores, produtivamente falando, cessaram com o agravamento das Guerras Civis em Roma e as consequentes dificuldades para conduzir sem danos os afazeres rurais.

Sem nos aprofundarmos no assunto e ressaltando, como dissemos, ter-se o quadro humano e econômico dos campos itálicos basicamente conservado nos dois momentos históricos focalizados pelas obras de Cícero e de Varrão,¹² acrescentamos que a solução de Martin não é a única possível para explicar a aparente incompatibilidade semântica entre tais *praelocutiones* do *De re rustica*. Em estudo não recente, mas sempre dotado de traços de importância para a arguta avaliação do legado varroniano das *Laudes*, Silvano Boscherini observou:

Retornando à *laus Italiae*, tão literariamente nutrida, tão retoricamente construída e tanto menos válida do ponto de vista econômico, põe-se o problema de qual motivação tenha tido. Não um amor geral e ideal da pátria, pois o patriotismo em Roma antiga é todo feito de coisas e interesses concretos. Mas o louvor da fecundidade de uma terra, da riqueza sã que dela provém, é um convite a seguir um modelo de atividade que se encontra na tradição dos ancestrais. Não há só a propaganda agressiva, mas afirmar ideias e valores que a experiência coletiva reconhece, que são a matéria da história de um povo, é um modo de fazer propaganda. Nesse sentido, também é propaganda a *laus Italiae*.¹³

Essas palavras, que verdadeiramente expõem uma face importante dos escritos varronianos da terra, ou seja, sua natureza de artefato literário construído com esmero ou, até, com retoricismo, permitem agregar olhares avaliativos distintos ao significado histórico da passagem em jogo. Assim, talvez também não fosse tão exuberante a produtividade itálica no momento de escrita do livro I do *De re rustica*, ou de sua *praelocutio*, vindo tais imagens a constituir idealizações urdidas pelo autor com vistas a favorecer um certo reforço do tradicionalismo romano, que há séculos elegera a terra para sustento de toda uma estrutura social aristocratizante.¹⁴ Nesse sentido, as duas *Laudes* a que aludimos tenderiam a *aproximar-se* em suas funções e significados, de maneira que ambas indicariam uma fartura agrária, eventualmente, não tão destacada nos anos varronianos quanto o fora durante a vida do Censor, quando, sem dúvida, a economia rural itálica experimentou direcionar-se para novos rumos e, neles, a consolidação.¹⁵

¹¹ MARTIN. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*, p. 226.

¹² Século I a.C., no último caso.

¹³ BOSCHERINI. Considerazioni sulla “*laus Italiae*” di Varrone, p. 109, tradução nossa.

¹⁴ “Uma ideia profundamente arraigada na consciência romana queria que a classe dirigente tirasse seus rendimentos da agricultura e não do comércio ou da usura” (GRIMAL. *Virgílio, ou o segundo nascimento de Roma*, p. 140).

¹⁵ MARTIN. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*, p. 237 et seq.

ATUANTES HUMANOS AGRÁRIOS NO LIVRO I DO *DE RE RUSTICA* DE VARRÃO E OS FINS PRÁTICOS DA OBRA

Em Varrão, as passagens de maior destaque para o tópico de análise a que agora nos propomos encontram-se nos capítulos 17 e 18, nos quais o autor trata, respectivamente, de aspectos do tema dos “instrumentos vocais” (os trabalhadores dos campos, contrapostos aos animais e ferramentas da lida agrícola) e das proporções a seguir entre o tamanho das terras e o número de cativos. Antes, porém, de adentrarmos o comentário detido de cada uma dessas partes, faz-se necessário situar o assunto no grande plano compositivo de início estabelecido pelo “agrônomo”, a fim de esboçar os contornos da agricultura nas páginas do *De re rustica*.

A personagem de Tremélio Escrofa, no capítulo 3, diz ser a agricultura uma arte “necessária e importante” e “a ciência do que se deve plantar e fazer em cada campo para que a terra produza os maiores rendimentos continuamente”. O simples fato de se terem atribuído tais dizeres a Escrofa, verdadeiro e respeitado “agrônomo” da Roma dos tempos de Varrão,¹⁶ já se reveste de importância, pois, assim, as palavras desse diálogo *técnico* ganham em autoridade e verossimilhança. Na sequência, ainda, a mesma autoridade continua a explicar que quatro são as partes da agricultura, correspondendo a primeira ao conhecimento da propriedade (*fundus*) e do solo; a segunda, aos elementos contidos pelas terras e necessários ao cultivo; a terceira, às operações de trabalho realizadas no ambiente rústico; a quarta, aos tempos adequados para efetuá-las (aspecto do “calendário” agrícola).

Ora, o componente rústico que aqui nos diz respeito, ou seja, a peculiar e funcional atuação humana nos campos da Itália antiga, encaixa-se por definição na segunda parte da ciência agrária segundo delineada por Escrofa, pois, notamos, assim como ferramentas e animais, atuantes variados encontravam-se à disposição no *fundus rusticus* e, deles, não podiam prescindir os fins mesmos de uma empreitada dessa natureza, vale dizer, os lucros. Entre breves parênteses, apenas acrescentamos que a terminologia empregada por esse porta-voz de Varrão (cap. 17) para diferenciar os *homens* que trabalham na lavoura (*instrumentum uocale*) de algo como bois de arado e burros, por exemplo (*instrumentum semiuocale*), mas, também, de sachos, ancinhos, foices, rastelos, estacas, pás, cubas, ânforas e semelhantes (*instrumentum mutum*), remete o leitor dessa obra a um ramo diferente da poligrafia do reatino, os estudos gramaticais a que ele já se dedicara, compondo o *De lingua Latina*.¹⁷ Trata-se, pois, em “importação” de saberes de uma ciência – a gramática – para outra – a “agronomia” –, de aplicar a elementos da ambiência rural classificações, inclusive, oriundas do plano fonético dos estudos “linguísticos”.¹⁸

Também se deve lembrar, dada a onipresente vigência do mesmo mecanismo construtivo ao longo de todos os livros do *De re rustica*,¹⁹ que tais classificações, sucessivamente divididas em outras, integram a “grade” temática dessa parte dos diálogos, de modo, uma vez estabelecida, que depois apenas se preenche com os conteúdos das

¹⁶ MARCONE. *Storia dell'agricoltura romana*, p. 132-133.

¹⁷ TREVIZAM. A face gramatical de Varrão em “De re rustica” II, p. 89 *et. seq.*

¹⁸ CARDAUNS. *Marcus Terentius Varro*. Einführung in sein Werk, p. 26.

¹⁹ HEURGON. Introduction, p. 40.

falas das personagens. Dito diversamente, não só o assunto da segunda subdivisão da artes agrárias, os *instrumenta*, é retomado no livro I, mas, ainda, dedicam-se nele capítulos posteriores ao desenvolvimento de cada um de seus tipos supracitados.²⁰ Esse aparente detalhe desvela ao leitor atento, a nosso ver, a natureza do *De re rustica* como obra seriamente comprometida com oferecer ao público – o que, na Roma de sua original escritura, corresponde ao estrato dos bem situados donos de terras, como a esposa de Varrão, a quem se dedica na íntegra, e Fundânio, seu sogro – sistemáticas coordenadas para a boa gestão fundiária,²¹ algo incompatível com as características filosóficas do *Cato Maior* ciceroniano.

O início, propriamente, da abordagem do tema do pessoal agrícola (em I, XVII, 2) oferece ao interessado pelas relações sociais nos antigos campos itálicos rico manancial de informações: Varrão comenta, a propósito dos três tipos possíveis de composição do quadro de trabalhadores a cada vez utilizados num dado *fundus*, que estes podem ser todos escravos, todos livres, ou se dividirem entre uma e outra categoria. Para ele, assim, cultivam como homens livres aqueles dos estratos sociais inferiores, que, sem estarem sob a posse de um senhor, fazem-no modestamente em suas terras com os filhos ou, ainda, põem-se a serviço de outros em caráter sazonal.

A respeito desses trabalhadores rurais “em liberdade”, parecem-nos sintomáticas de sua precária situação algumas palavras da passagem, como a explícita referência ao fato de serem “pobres” (*pauperculi*) os *patres familias* vinculados ao velho modo de exploração familiar das terras: decerto se trata de remanescentes de uma época ultrapassada pela “nova” economia agrícola,²² majoritariamente favorecedora da fruticultura comercial, bem o vimos. Ora, na maior parte das vezes, esses pequenos donos de terras não dispunham de quaisquer meios para resistir à concorrência dos ricos senhores, razão pela qual é de esperar que se mantivessem fiéis à pouco rendosa cerealicultura de subsistência ou, no máximo, modestos produtores de grãos no âmbito consumidor do entorno de suas propriedades.

Dessa maneira, eventuais proprietários de modesta condição – e que não se dedicassem em suas terras à viticultura ou à oleicultura! –, ou mesmo trabalhadores rurais livres, mas de todo desprovidos de posses –, ajudavam de tempos em tempos a aumentar o pessoal fixo e cativo dos grandes *fundi rustici* comercialmente direcionados. De fato, em certas épocas do ano, como nas vindimas outonais ou durante a colheita do feno, recorda-nos o próprio Varrão no mesmo capítulo, as mãos de ordinário disponíveis aos senhores nos campos não bastavam para a ágil realização dos trabalhos, havendo, portanto, a necessidade de contratar provisoriamente quem lhes auxiliasse na feitura. No tocante à colheita das uvas, em específico,

²⁰ Os capítulos 17-18 cobrem os *instrumenta uocalia*; os 19-21, os *semiuocalia*; o 22, os *muta*, fechando-se a segunda ramificação da “agronomia” com a totalidade desses capítulos.

²¹ “In despite of these considerable deficiencies, Varro’s treatise does present us with a useful view of farming. (...) On the other hand, in the general reflections on agricultural conditions, including labor, profitability, size, etc., Varro appears, on the face of it, a very reliable authority” (SKYDSGAARD. *Varro the scholar*. Studies in the first book of Varro’s *De re rustica*, p. 118).

²² SIRAGO. *Storia agraria romana*. I - fase ascensionale, p. 243 et seq.

tal necessidade se justifica por tratar-se de uma cultura bastante trabalhosa,²³ além de pelo fato de os frutos, no ponto de colheita, não poderem aguardar indefinidamente para serem recolhidos ou processados sem danos ao produto final, o vinho.²⁴

Os comentários varronianos sobre a mão de obra livre prosseguem, de novo com passagem pelo costumeiro viés erudito. Referimo-nos, a propósito de um dado marginal como a existência, no Oriente (Ásia, Egito e Ilíria), de homens livres encarregados de tarefas agrárias a fim de saldarem suas dívidas, a ter o “agrônomo” empregado o termo designativo arcaico *obaerarii* (“devedores insolventes”):

Varrão, amante dos estudos literários, menciona também os *obaerarii qui etiam nunc sunt in Asia atque Aegypto et in Illyrico complures*. Esse termo designava os devedores a trabalharem nas terras da pessoa com quem contraíram um empréstimo. A definição “etiam nunc” demonstra que a informação sobre os *obaerarii* tinha, sobretudo, um caráter histórico. Na Itália, essa categoria podia existir nos inícios da república romana. Ao falar dos *obaerarii* nas províncias orientais do Império/ Ásia, Egito, Ilíria, Varrão procedeu a uma relativa simplificação, empregando termos romanos para a muito complexa estrutura agrária dos territórios da bacia oriental do Mediterrâneo.²⁵

O derradeiro dado oferecido por Varrão antes de passar a descrever aspectos atinentes aos *escravos* rurais diz respeito às suas recomendações sobre, nas zonas insalubres de cultivo, ser preferível conduzir as tarefas recorrendo a trabalhadores livres sazonalmente empregados a fazê-lo com *escravos* de posse do senhor. Evidentemente, o motivo que justifica os conselhos nesse sentido se vincula a evitar, tanto quanto possível, a perda dos bens do *dominus* pela morte de itens perecíveis como os cativos: se, pois, os houver em número não muito significativo em eventuais áreas de trabalho pestilentas, caso típico das cercanias de paludes na Itália antiga,²⁶ resguarda-se o senhor de danos substanciais ao bolso.

Quando se introduzem de fato as informações concernentes aos cativos, Varrão recorre à autoridade de Cássio Dionísio Uticence,²⁷ agrônomo de língua grega que citara na *praelocutio* de *De re rustica* I como uma de suas fontes técnicas. Alguns dos dados de interesse elencados pelo autor nessa passagem do capítulo 17 correspondem a dizer que os *escravos* devem ser resistentes e ter não menos de 22 anos, evitando-se os “medrosos ou temerários” e havendo entre eles líderes mais velhos e “instruídos”, ou seja, conhecedores da leitura e da escrita; sobre o aspecto da modesta instrução dos cativos em posição de liderança, explica-o corresponderem os intendentos (*uillici*) a

²³ *Est etiam ille labor curandis vitibus alter, cui numquam exhausti satis est (...) – “Há ainda aquele trabalho restante do cuidado das vinhas, que jamais finda por inteiro (...)”* (VIRGÍLIO. *Geórgicas* II, v. 397-398, tradução nossa).

²⁴ VARRÃO. *De re rustica* I, 1.

²⁵ KOLENDO. Le vocabulaire concernant la main d’œuvre dans les traités de Caton, des Saserna et de Varron, p. 205, tradução nossa).

²⁶ VARRÃO. *De re rustica* I, XII, 2.

²⁷ Trata-se, na verdade, de certo compilador, em grego, da monumental obra agrônômica do cartaginês Magão (cf. comentário de Heurgon à passagem, citado por VARRON. *Économie rurale*. Livre I, p. 97), por muitos considerado a maior autoridade antiga nessa especialidade.

encarregados de supervisionar *todas as tarefas* na ausência dos senhores, devendo, mesmo, cuidar da “contabilidade”²⁸ e dos livros de registros de bens.²⁹ Ainda, os chefes devem exercer sua proeminência não com recurso à brutalidade, mas ao exemplo, que se dá, sobretudo, sabendo eles próprios fazer bem as tarefas delegadas aos outros por suas ordens.

Por outro lado, ser-lhes-ão dados pequeno rebanho e “pecúlio”,³⁰ a fim de que, esperançosos de um dia comprarem a própria liberdade, prestem-se mais docilmente aos serviços. A aparente “amenidade” dos dizeres varronianos sobre o trato cotidiano com os escravos pesa, decerto, nos julgamentos que o fazem *humanus*,³¹ por oposição à *duritia* claramente manifesta no *De agri cultura* de Catão quanto ao mesmo aspecto da ruralidade.³² Nos pontos pertinentes que acabamos de reportar, vale dizer, o do caráter dispensável do uso das pancadas e a permissão de pequenas posses a alguns, entretanto, interpretamos evidente utilitarismo em prol dos donos: mais e melhor se produziria em ambiente isento de tensões e ressentimentos, bem como contando com escravos sabedores da mínima “estima” que lhes votam seus senhores.

Idêntico funcionamento se dá no aspecto de conceder aos cativos “esposas”, ou, antes, companheiras escravas com quem coabitem e tenham filhos, pois, como se lembra Varrão, tal prática de estabelecer escravos “em família” os torna mais esforçados e vinculados à propriedade onde habitam...³³ Como palavras finais sobre esse capítulo do *De re rustica*, apenas retomemos rapidamente os preceitos restantes quanto a evitar manter nas terras muitos escravos de idêntica nação, como precaução contra frequentes “desavenças” entre eles, e quanto a conquistar sua aquiescência consultando-os a respeito das tarefas rústicas e compensando com mais alimento, vestes e descanso no caso de desgastes causados por castigos ou alguma tarefa de maior nível de exigência...

O que se dá no capítulo seguinte, como vimos, o segundo e derradeiro, em que o tópico dos cativos é abordado por Varrão nesse livro da obra, deve ser interpretado com o significado de uma correção atualizadora diante de certos tratadistas “agronômicos”

²⁸ CATÃO. *De l'agriculture*, V.

²⁹ VARRÃO. *De re rustica* I, XXII, 6.

³⁰ Trata-se de bens concedidos aos escravos pelo senhor e por eles poupados com vistas à melhoria de sua condição econômica.

³¹ RIPOSATI. Varrone e Cicerone maestri di umanità, p. 246-266.

³² *Auctionem uti faciat: uendat oleum, si pretium habeat; uinum, frumentum quod supersit, uendat; boues uetulos, armenta delicula, oues deliculas, lanam, pelles, plostrum uetus, ferramenta uetera, seruuum senem, seruuum morbosum, et si quid aliud supersit, uendat.* – (“Venda em leilão: venda o azeite, se tem bom preço, o vinho e o trigo que for excedente; os bois velhos, o gado que tem um pequeno defeito, as ovelhas que têm um pequeno defeito, a lã, as peles, a carreta velha, as ferramentas velhas, o escravo velho, o escravo doente e, se algo mais for excedente, que venda”). (CATÃO. *De l'agriculture*, II, tradução nossa).

³³ Sobre a sexualidade dos escravos rurais no *De re rustica* – também no livro “pecuário” que se identifica com o segundo –, recomenda-se a leitura do ensaio especializado de Martin, “La vie sexuelle des esclaves, d’après les dialogues rustiques de Varron”, p. 113-126, no qual, entre outras ideias, o autor se posiciona contra a noção da plena liberdade de conduta dos cativos dos romanos nesse âmbito de sua vida. Por outro lado, provavelmente a reprodução humana dos cativos nas próprias terras de seus senhores não correspondeu, na época de Varrão, a um modo economicamente viável de aumentar-lhes o número, dada, ainda por algum tempo, a facilidade de obtê-los já adultos dos butins de guerra (MARTIN. *La vie sexuelle des esclaves, d’après les dialogues rustiques de Varron*, p. 121).

do passado.³⁴ Então, o que lemos em *De re rustica* (I, XVIII) corresponde de início a criticar acerbamente as proporções catonianas, do *De agri cultura* (cap. 10 e 11), entre a dimensão das terras e o número de escravos, pois, entre outras falhas, o predecessor parecera incluir o *uillicus* e sua companheira, a *uillica*, na quantia variável de mão de obra, embora um olival maior ou menor, por exemplo, não requeira por isso mais ou menos intendententes. Em seguida, fazem-se restrições também a Saserna,³⁵ outro “agrônomo” posto sob olhar crítico na passagem, pois ofereceu proporções válidas para suas terras gaulesas, não para os “montes da Ligúria”. O “fecho” do capítulo, enfim, aponta como solução para evitar as armadilhas *teóricas* dos tratados a observação *prática* das necessidades no contexto peculiar das próprias terras e demais meios produtivos disponíveis ao *dominus*, além dos “testes” a que empenhados cultivadores submetem as operações rústicas, pondo-se no todo em conformidade com os dizeres varronianos da *praelocutio* do livro I: ali, com efeito, o autor revelara a Fundânia ter nutrido seus saberes “agronômicos” não só pelas leituras técnicas, mais ainda pela escuta de especialistas e por seus esforços pessoais de “agricultor”, nos *fundi* que lhe pertenciam.³⁶

Em suma, a abordagem do tema dos atuantes nos campos da Itália antiga, conforme desenvolvida por Varrão nos dois capítulos aqui tomados para objeto de estudo, demonstra o relevo que ele lhe concedeu no âmbito preceituador de uma obra eminentemente *técnica*, o *De re rustica*. Assim, detalhes como dizer preferível recorrer aos homens livres onde há pestilência ou recomendar cautela com as proporções de fixos tratados prévios atestam o papel-chave do aspecto da mão de obra para o bom-sucesso de todo empreendimento agrário *aggiornato*, à ciosa maneira³⁷ do autor.

A FIGURA DO *SENEX SAPIENS* NO *CATO MAIOR* DE CÍCERO E A RELATIVIZAÇÃO DA CONCRETUDE HISTÓRICA DA RURALIDADE LATINA

Confrontados com o pequeno diálogo ciceroniano intitulado *Cato Maior de Senectute*, vemo-nos diante de uma obra *sui generis*, em sua dimensão testemunhal da ruralidade antiga. De início, talvez não seja vão lembrar de que o *Cato Maior* foi composto com reais fins consolatórios, em face da melancólica velhice³⁸ do autor e de Tito Pompônio Ático, seu dedicatário e amigo de longa data, qual o vemos no Prólogo.

Por esse motivo, não se trata de uma obra *sobre a agricultura*, mas, antes, de um texto em que o tema agrícola adentra justificado por também os afazeres rústicos se identificarem com uma possível válvula de escape para certas dores da velhice. Se nos reportarmos ao esquema compositivo básico do *Cato Maior*, há nele quatro acusações contra a senilidade, vista pelos néscios (a) como tempo inercial da vida humana, (b) de

³⁴ TREVIZAM. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*, p. 101.

³⁵ MARTIN. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*, p. 81 et seq.

³⁶ VARRÃO. *De re rustica* I, I, 11.

³⁷ MARTIN. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*, p. 229.

³⁸ PARKIN. *Old age in the Roman world*, p. 64-65; MULLER. *Cicéron. Un philosophe pour notre temps*, p. 266.

perda das forças, (c) de fim dos prazeres e (d) como triste espera da morte; para as mesmas acusações, ainda, já que não correspondem necessariamente aos pontos de vista defendidos no diálogo pela personagem de Catão Censor, seu idoso (e sábio) protagonista, propõem-se as respectivas réplicas.

É, portanto, com sentido combativo de vários estereótipos que os temas agrícolas integram a parte dialogal da refutação no ponto de uma imagem *ativa* da velhice e, quanto à mesma “fase” da existência do homem, ainda acolhedora de moderados prazeres.³⁹ A primeira dessas passagens, que merece integral citação, delinea-se nos termos seguintes:

Age, ut ista studia omittam, possum nominare ex agro Sabino rusticos Romanos, uicinos et familiares meos, quibus absentibus numquam fere ulla in agro maiora opera fiunt, non serundis, non percipiundis, non condundis fructibus. Quamquam in illis minus hoc mirum est: nemo enim tam senex est qui se annum non putet posse uiuere; sed etiam in iis elaborant quae sciunt nihil ad se omnino pertinere: “serit arbores, quae alteri saeculo prosient” ut ait Statius noster in Synephebis. Nec uero dubitat agricola, quamuis sit senex, quaerenti cui serat, respondere: dis immortalibus, qui me non accipere modo haec a maioribus uoluerunt, sed etiam posteris prodere.⁴⁰

Pode-se dizer que o que lemos nas linhas acima corresponde ao próprio esboço da figura do único atuante agrário ao qual a abordagem ciceroniana da ruralidade, no *Cato Maior*, concedeu especial atenção. Isso se explica porque, sendo essa obra, como vimos, inclusive a defesa da possibilidade de uma velhice ativamente compensadora, dá-se grande ênfase à figura do *senex* ainda capaz de mostrar-se útil para os outros e, sobretudo, nobilitador de si.

Catão mesmo, “retratado” nessa obra nos tempos que pouco precederam sua morte e, portanto, já aos 84 anos,⁴¹ exemplifica a postura elogiada em seus companheiros do país Sabino, afamada zona rural italiana onde nascera e trabalhara com afinco nas terras paternas, antes de iniciar-se nos *negotia* urbanos de Roma.⁴² Dizemo-lo não apenas porque antigos

³⁹ Em *Cato Maior* 39, a personagem de Catão louva a velhice pela perda da volúpia juvenil, aqui apresentada como *flagelo* da condição humana (*quod est in adulescentia uitiosissimum!*). Portanto, a ênfase obviamente não é dada aos prazeres corporais, sejam eles quais forem, nas páginas do diálogo, mas àqueles de outra espécie, como os advindos da admiração dos esplendores da natureza e da intelectualidade.

⁴⁰ “Pois bem, sem falar nesses estudos, posso citar rústicos romanos do país Sabino, meus vizinhos e amigos, em cuja ausência quase nunca um trabalho de maior monta acontece nos campos, nem se plantando, nem se colhendo, nem se armazenando os frutos. Isso, porém, não causa espanto a seu respeito: ninguém, com efeito, é tão velho que julgue impossível viver mais um ano; mas ainda se aplicam com zelo naquilo que sabem, absolutamente, em nada lhes tocar: ‘planta árvores, que sirvam a uma geração futura’ como diz nosso Estácio n’os *Sinefebos*. Nem, na verdade, hesita um agricultor, embora velho, em responder a quem pergunta ‘para quem planta’: ‘para os deuses imortais, cuja vontade foi não só que eu herdasse esses bens dos ancestrais, mais, ainda, que os transmitisse aos descendentes’” (CÍCERO. *Cato Maior*, 24, tradução nossa).

⁴¹ Catão nasceu em Túsculo, no país Sabino, em 234 a.C., e morreu em 149 a.C.; assim, a data fictícia do diálogo corresponde ao ano de 150 a.C.

⁴² *Primum stipendium meruit annorum decem septemque*. (“Andò soldato per la prima volta a diciassette anni”). (CORNELIO NEPOTE. *Gli uomini illustri*, 1.2).

testemunhos o mostram, de algum modo, decidido e atuante até as vésperas do fim,⁴³ mas, fundamentalmente, porque a continuidade desse diálogo o apresenta, no mínimo, como empenhado entusiasta de elementos rústicos atinentes a um vago espaço agrário.

Em *Cato Maior* 51-60, então, oferecem-se ao leitor dados de grande importância para o conhecimento de uma risonha imagem de Catão nos campos: trata-se do longo trecho dos “prazeres da agricultura” (*uoluptates agricolarum*), que se inicia com os louvores da personagem a certos desinteressados “encantos” da vida campesina, como os da produtividade da terra em si mesma considerada, à maneira de espetáculo a testemunhar de sua força geradora da vida. Note-se, a propósito, que a atribuição de tais refinados sentimentos a Catão implica evidente distorção histórica de sua personalidade, amiúde enfatizada como a de um homem, à tradicional maneira romana, pragmático e avesso a semelhantes efusões “líricas”.⁴⁴

Algo parecido se mantém na sequência, quando a personagem enaltece a beleza das vinhas e das uvas: assim, as primeiras mostram-se vigorosas e capazes de expandir-se sobre o espaço para todas as direções, pois suas gavinhas – análogas a humanas mãos (52) – também lhes permitem fazê-lo para o alto; quanto às uvas nos pés, que entrevemos, de verdes, a maduras e doces entre alguns pânpanos outonais destinados a afastar, nos vinhedos do agricultor previdente, apenas os demasiados raios solares, correspondem a um *belo* item de cultivo (*adspectu pulchrius* – 53). Sintomaticamente, uma viticultura assim ressaltada em suas faces mais convidativas, das alegrias sensoriais que traz ao *senex* inserido no ambiente agrário, quase não contribui para atestar o caráter acirrado e, até, penoso da lida agrícola necessária para conduzi-la da correta maneira: exceto o fim da passagem, com o reforço, através da figura do *homoiotéleuton*,⁴⁵ das muitas operações de trabalho num vinhedo, nunca se evocam aqui os “bastidores” de tão belo espetáculo...

Em sua continuidade, o trecho dos “prazeres da agricultura” prossegue, como já seria esperado por sua finalidade contextual mesma, em leve exposição dos bens de que desfrutam os persistentes em dedicar-se às artes agrárias até a velhice. Estes contam, além do acima mencionado, com as úteis etapas de cavar, recavar, e adubar, todavia omissas em quaisquer de seus detalhes, a exemplo dos homens que as levariam a cabo e como (*Quid de utilitate loquar stercorandi? Dixi in eo libro quem de rebus rusticis scripsi*);⁴⁶ em tal aspecto expositivo, também, permanece a dúvida sobre se o entusiasmo de Catão chegaria a ponto de fazê-lo, em pessoa, pôr mãos à obra ainda que parcimoniosamente, apesar de seus mais de 80 na ficção do diálogo. De todo modo, como vimos, nos tempos

⁴³ Jean-Noël Robert lembra que o último grande combate político do Censor foi incitar o senado à terceira Guerra Púnica contra Cartago, com o célebre dito *Karthago delenda est* (cerco em 149 a.C. (ROBERT. *Caton ou le citoyen*, p. 376).

⁴⁴ MARMORALE. *Cato Maior*, p. 184-185.

⁴⁵ Essa figura de elocução, que se identifica com repetir, proximamente num segmento textual, palavras dotadas de uma única terminação (SARAIVA. *Novíssimo dicionário latino-português*, p. 556), presentifica-se em *Cato Maior* 53 pelo emprego de *iugatio* (“empa”), *religatio* (“amarra”), *propagatio* (“mergulhia”) e *amputatio* (“poda”), todos nomes de operações necessárias na árdua viticultura.

⁴⁶ “Por que falaria da utilidade de adubar? Falei naquele livro que escrevi dos assuntos rústicos” (CÍCERO. *Cato Maior*, 53-54, tradução nossa).

dessa personagem, as mais importantes culturas passaram a delegar-se, sobretudo, a escravos fixos dos *fundi rustici*, sem, no entanto, a exclusão de eventuais trabalhadores livres sazonalmente cooperativos e supervisionados, em geral, por um *uillicus*. Um quadro histórico de divisão dos trabalhos assim esboçado, porém, não poderia de todo alijar configurações algo distintas, como quando algum eventual senhor decidisse por si supervisionar cuidadoso a lida produtiva em suas terras ou, a exemplo de um Lúcio Cincinato (56),⁴⁷ agir em pessoa nas tarefas de cultivo.

Sem intenções de elencarmos todos os pontos subsequentes do trecho dos “prazeres da agricultura”, Catão, em reforço de nossa “estranha” hipótese há pouco oferecida, ou seja, além da supervisão dos trabalhos rurais na função do *uillicus*, a qual ele mesmo parece atribuir a seus vizinhos e amigos do país Sabino (mas poderia reproduzir em suas terras!), a entrega *direta* a eles, fala (54) no “prazer de plantar” (*consitiones... delectant*) e de realizar “enxertos” (*insitiones*). Sobre esses últimos, por outro lado, dadas as chances de inventividade para quem os realiza, a personagem acrescenta serem o que de “mais engenhoso” (*sollertius*) a agricultura descobriu. Ora, há que se notar que Catão, a propósito dos “deleites” do plantio e do enxerto, talvez se pronuncie então como quem ainda experimentasse tais prazeres *por via direta*, isto é, ele próprio plantando e enxertando,⁴⁸ embora, evidentemente, não sozinho...

A anedota que encerra a passagem dos “prazeres da agricultura” como verdadeiro fecho áureo, dada a beleza das evocações e implicações que contém, é a da visita do lacedemônio Lisandro ao jovem Ciro, príncipe dos persas.⁴⁹ Assim, embora essa personagem nobre não vivenciasse a senilidade durante a visita do estrategista, que admira extasiado o esplendor de um jardim à persa – o *parádeisos* –, plantado pelas próprias mãos daquele, evidentemente o príncipe corresponde, no contexto, a uma imagem da felicidade moral pela prática do cultivo. Mais uma vez, então, idealizações vêm preencher, nesse diálogo que se destina a minorar os males da (própria) velhice pelas vias da nobilitação humana,⁵⁰ o lugar ocupado, nos reais tratados agrícolas romanos, pela racional proposição de quadros de *efetivos* atuantes agrícolas.



⁴⁷ *Lucius Quinctius Cincinnatus* foi um ditador da velha república romana, assim nomeado pela primeira vez em 458 a.C., quando contava com 61 anos (cf. comentário de J. G. F. Powell à passagem, citada por CÍCERO. *Cato Maior de Senectute*, p. 219: *Traditionally dictator in 458 and 439; the anecdote about his being called from the plough is usually linked with the first dictatorship, while the sedition of Maelius was supposed to be the occasion of the second; Cicero's compression of the two may reflect variant traditions, and historians are skeptical about the second dictatorship in any case.*)

⁴⁸ Além do exemplo supracitado do ditador Cincinato, que arava a terra em avançada idade, cf., em *Cato Maior* 60, o caso extremo de Marco Valério Corvino (nascido em 371 a.C.), que prolongara a lida agrícola, segundo a tradição, até seu centenário.

⁴⁹ A passagem ciceroniana correspondente é, na verdade, uma livre adaptação do *Econômico* de Xenofonte (IV 20ss.).

⁵⁰ NARDUCCI. *Introduzione a Cicerone*, p. 194.

RÉSUMÉ

Dans cet article, nous discutons du thème des agents dans la vie rurale ancienne telle que décrite dans le *Cato Maior* de Cicéron et dans le premier livre du *De re rustica* de Varron. Des figures comme celles des esclaves, du seigneur, du *uillicus*, des travailleurs libres (dans leurs terres ou dans les terres appartenant à autrui) et du vieillard “agriculteur”, selon ce qu’on lit dans le petit dialogue de Cicéron, ne participent pas à parts égales quand on considère les deux ouvrages dans un ensemble. Cicéron a préféré idéaliser, en concentrant ses descriptions sur le sage vieillard aux champs (dont le modèle est Caton le Vieux), tandis que Varron a choisi la voie de la documentation historique, comme convenant à un texte qui s’identifie au groupe des écrits techniques de la Rome ancienne.

MOTS-CLÉS

Littérature agraire romaine, *Cato Maior*, *De re rustica*

REFERÊNCIAS

- BOSCHERINI, S. Considerazioni sulla “laus Italiae” di Varrone. In: _____. *Studi in Onore di Adelmo Barigazzi*. Roma: Edizioni dell’Ateneo, 1986. v. I. p. 101-109.
- CARDAUNS, B. *Marcus Terentius Varro*. Einführung in sein Werk. Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, 2001.
- CATON. *De l’agriculture*. Texte établi, traduit et commenté par Raoul Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1975.
- CICERO. *Cato Maior de Senectute*. Edited with introduction and commentary by J. G. F. Powell. Cambridge: University Press, 2004.
- CICERO. *De la vieillesse*. Texte établi et traduit par P. Willeumier. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- CORNELIO NEPOTE. *Gli uomini illustri*. A cura di Luca Canali. Milano: Oscar Mondadori, 2002.
- FILOCHE, C. Les comiques dans l’intertexte des “Bucoliques”. In: _____. (Dir.). *L’intertexte virgilien et sa réception*. Dijon: Université de Bourgogne, 2007. p. 57-85.
- GRIMAL, P. *Virgílio, ou o segundo nascimento de Roma*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HEURGON, J. Introduction. In: VARRON. *Économie rurale*. Livre I. Texte établi, traduit et commenté par J. Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003. v. I. p. VII-LXXXV.
- KOLENDO, J. Il contadino. In: GIARDINA, A. (A cura di.). *L’uomo romano*. Roma/Bari: Laterza, 1993. p. 217-232.
- KOLENDO, J. Le vocabulaire concernant la main d’œuvre dans les traités de Caton, des Saserna et de Varron. In: BIEZUNSKA-MALOWIST, I.; KOLENDO, J. (Dir.). *Actes du colloque sur l’esclavage*. Wydawnictwa Uniwersytetu Warszawskiego, 1979. p. 197-215.
- MARCONE, A. *Storia dell’agricoltura romana*. Roma: Nuova Italia Scientifica, 1997.

- MARMORALE, E. *Cato Maior*. 2. ed. Bari: Laterza & Figli, 1949.
- MARÓTI, E. The vilicus and the villa-system in ancient Italy. In: HAHN, I. *et al.* (Ed.). *Oikumene*. Budapest: Akadémiai Kiadó, 1976. p. 109-124.
- MARTIN, R. La vie sexuelle des esclaves, d'après les dialogues rustiques de Varron. In: COLLART, J. (Dir.). *Varron: grammaire antique et stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1978. p. 113-126.
- MARTIN, R. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: Les Belles Lettres, 1971.
- MULLER, P. *Cicéron. Un philosophe pour notre temps*. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1993.
- NARDUCCI, E. *Introduzione a Cicerone*. Roma/Bari: Laterza, 2005.
- PARKIN, T. G. *Old age in the Roman world*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2003.
- RIPOSATI, B. Varrone e Cicerone maestri di umanità. *Aevum*, Milano, anno XXIII, fasc. 1-2, p. 246-266, 1949.
- ROBERT, J.-N. *Caton ou le citoyen*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- ROBERT, J.-N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- ROBERT, J.-N. *Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1999.
- SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.
- SIRAGO, V. *Storia agraria romana*. I - Fase ascensionale. Napoli: Liguori, 1995.
- SKYDSGAARD, J. E. *Varro the scholar*. Studies in the first book of Varro's *De re rustica*. Copenhagen: Einar Munksgaard, 1968.
- TREVIZAM, Matheus. A face gramatical de Varrão em "De re rustica" II. *Aletria*. Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 89-101, jul./dez. 2009.
- TREVIZAM, Matheus. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. Tese de doutoramento inédita. Campinas: IEL-Unicamp, 2006..
- VARRON. *Économie rurale*. Livre I. Texte établi, traduit et commenté par J. Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- VIRGILE. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Introduction, notes et postface de J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- XENOFONTE. *Econômico*. Trad. Anna Lia A. de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.